



Feminismo é para todo mundo por bell hooks

Capítulo 2 | Criação da consciência – Uma constante mudança de coração¹

Feministas são feitas, não nascidas. Não se torna uma defensora da política feminista simplesmente por ter o privilégio de ter nascido mulher. Como todas as posições políticas, apenas se torna crente na política feminista através da escolha e da ação. Quando as mulheres se organizaram pela primeira vez em grupos para conversar juntas sobre a questão do sexismo e da dominação masculina, elas eram claras de que as mulheres eram socializadas para acreditar no pensamento sexista e os valores como os homens, a diferença é simplesmente que os homens se beneficiaram do sexismo mais do que as mulheres e eram como uma consequência menos propensa a abandonar o privilégio patriarcal. Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, tivemos que mudar a nós mesmas; tivemos que criar nossa consciência.

A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como um sistema de dominação, como se institucionalizou e como é perpetuado e mantido. Compreender a forma como a dominação masculina foi expressa na vida cotidiana criou consciência nas mulheres das formas em que fomos vitimizadas, exploradas e, em piores situações, em cenários oprimidos. No início, no movimento feminista contemporâneo, os grupos de conscientização muitas vezes se tornaram ambientes onde as mulheres simplesmente desencadearam a hostilidade reprimida e a raiva de serem vitimizadas, com pouco ou nenhum foco nas estratégias de intervenção e transformação. Em um nível básico, muitas mulheres feridas e exploradas usaram o grupo de conscientização para fins terapêuticos. Foi o local onde elas descobriram e revelaram abertamente a profundidade de suas feridas. Este aspecto confessional serviu como um ritual de cura. Através da conscientização, as mulheres ganharam força para desafiar as forças patriarcais no trabalho e em casa.

É importante notar que o fundamento deste trabalho começou com as mulheres examinando o pensamento sexista e criando estratégias onde mudássemos nossas atitudes e crenças através de uma conversão para o pensamento feminista e um compromisso com a política feminista. Fundamentalmente, o grupo de criação de consciência era um lugar para conversão. Para construir um movimento feminista em massa, as mulheres precisavam se organizar. A sessão de conscientização, que normalmente ocorria na casa de alguém (ao invés de em espaço público que

¹ Tradução realizada por Carol Correia e disponibilizada no [perfil Medium da tradutora](#).



teria que ser alugado ou doado), foi o local de encontro. Era o lugar onde as pensadoras feministas experientes e as ativistas podiam recrutar novas convertidas.

Importante, a comunicação e o diálogo eram uma agenda central nas sessões de conscientização. Em muitos grupos, havia uma política que respeitava a voz de todos. As mulheres se revezavam para se certificar de que todas seriam ouvidas. Essa tentativa de criar um modelo não-hierárquico para discussão deu positivamente a cada mulher a chance de falar, mas muitas vezes não criou um contexto para o diálogo engajado. No entanto, na maioria dos casos, a discussão e o debate ocorreram, geralmente depois que todas falaram pelo menos uma vez. A discussão argumentativa era comum nos grupos de conscientização, pois era a forma como procurávamos esclarecer a nossa compreensão coletiva da natureza da dominação masculina. Somente através da discussão e da discordância, nós poderíamos começar a encontrar um ponto de vista realista sobre a exploração e a opressão de gênero.

Como o pensamento feminista, que emergiu primeiro no contexto de pequenos grupos em que os indivíduos se conheciam frequentemente (podiam ter trabalhado juntos e/ou eram amigas), começaram a ser teorizados em material impresso para alcançar um público mais amplo, grupos desmantelados. A criação de estudos femininos como disciplina acadêmica proporcionou outro cenário onde as mulheres poderiam ser informadas sobre o pensamento feminista e a teoria feminista. Muitas das mulheres que lideraram a introdução de aulas de estudos femininos em faculdades e universidades haviam sido ativistas radicais em lutas de direitos civis, direitos dos homossexuais e movimento feminista inicial. Muitas delas não possuíam doutorado, o que significava que elas entraram em instituições acadêmicas recebendo salários mais baixos e trabalhando mais horas do que seus colegas em outras disciplinas. No momento em que estudantes de graduação mais jovens se uniram ao esforço para legitimar a disciplina de estudos feministas na academia, sabíamos que era importante obter graus superiores. A maioria de nós viu nosso compromisso com os estudos das mulheres como ação política; estávamos preparadas para se sacrificar para criar uma base acadêmica para o movimento feminista.

No final dos anos 1970, os estudos femininos estavam a caminho de se tornar uma disciplina acadêmica aceita. Este triunfo ofuscou o fato de que muitas das mulheres que abriram o caminho para a institucionalização dos estudos femininos foram demitidas porque possuíam mestrado e não doutorado. Enquanto algumas de nós voltamos para a faculdade de graduação para obter doutorado, algumas das melhores e mais brilhantes entre nós não, porque estavam completamente desiludidas com a universidade e exaustas devido ao excesso de trabalho, bem como desapontadas e enfurecidas pelo fato de que a política radical que assenta os estudos femininos estava sendo



substituído pelo reformismo liberal. Antes de muito tempo, a sala de aula de estudos femininos havia substituído o grupo de conscientização gratuito a todas. Considerando que as mulheres de diferentes origens, as que trabalhavam unicamente como donas de casa ou em empregos de serviço e as grandes mulheres profissionais, todas podiam ser encontradas em diversos grupos de conscientização, a academia era e continua sendo um lugar de privilégio de classe. As mulheres de classe média brancas privilegiadas que eram uma maioria numérica, embora não necessariamente as líderes radicais do movimento feminista contemporâneo, muitas vezes ganhavam proeminência porque eram o foco como representantes da luta pela mídia de massa. As mulheres com consciência feminista revolucionária, muitas delas lésbicas e de origens da classe trabalhadora, muitas vezes perderam a visibilidade quando o movimento recebeu a atenção *mainstream*. Seu deslocamento tornou-se completo quando os estudos das mulheres se tornaram enraizados em faculdades e universidades, que são estruturas corporativas conservadoras. Uma vez que a sala de aula de estudos femininos substituiu o grupo de conscientização como o principal lugar para a transmissão do pensamento feminista e estratégias de mudança social, o movimento perdeu seu potencial baseado nas massas.

De repente, mais e mais mulheres começaram a se chamar de “feministas” ou usar a retórica da discriminação de gênero para mudar seu *status* econômico. A institucionalização de estudos feministas criou um conjunto de empregos no mundo da academia e no mundo da publicação. Essas mudanças baseadas na carreira levaram a formas de oportunismo de carreira em que as mulheres que nunca estiveram politicamente comprometidas com a luta feminista baseada em massa adotaram a posição e o jargão do feminismo quando aumentou a mobilidade de classe. O desmantelamento de grupos de conscientização apagou a noção de que era preciso aprender sobre o feminismo e fazer uma escolha informada sobre abraçar a política feminista para se tornar uma defensora feminista.

Sem o grupo de conscientização como um lugar onde as mulheres enfrentaram seu próprio sexismo em relação a outras mulheres, a direção do movimento feminista poderia mudar para o foco na igualdade na força de trabalho e no enfrentamento da dominação masculina. Com o foco maior na construção da mulher como “vítima” de igualdade de gênero que merece reparações (seja através de mudanças em leis discriminatórias ou políticas de ação afirmativa), a ideia de que as mulheres precisavam primeiro enfrentar seu sexismo internalizado como parte de se tornar feminista perdeu sua regularidade. As mulheres de todas as idades agiram como se a preocupação ou a raiva na dominação masculina ou na igualdade de gênero fosse tudo o que era necessário para ser uma



“feminista”. Sem confrontar o sexismo internalizado, as mulheres que pegaram a bandeira feminista muitas vezes traíram a causa em suas interações com outras mulheres.

No início dos anos 1980, a evocação de uma irmandade politizada, tão crucial para o início do movimento feminista, perdeu o significado, pois o terreno da política feminista radical foi ofuscado por um feminismo baseado em estilo de vida que sugeria que qualquer mulher poderia ser feminista, não importa suas crenças políticas. Desnecessário dizer que tal pensamento minou a teoria e a prática feminista, a política feminista. Quando o movimento feminista se renovar, reforçando novamente que as estratégias que permitirão que um movimento de massa acabe com o sexismo e a exploração e opressão sexista para todas, a conscientização mais uma vez alcançará sua importância original. Imitando efetivamente o modelo de reuniões de Alcoólatras Anônimos (AA), grupos de conscientização feministas terão lugar nas comunidades, oferecendo a mensagem do pensamento feminista a todos, independentemente de classe, raça ou gênero. Embora possam surgir grupos específicos com base em identidades compartilhadas, no final de cada mês, os indivíduos estarão em grupos mistos.

A conscientização feminista para os homens é tão essencial para o movimento revolucionário como os grupos femininos. Havia uma ênfase em grupos para homens que ensinavam meninos e homens sobre o que o sexismo é e como ele pode ser transformado, teria sido impossível que os meios de comunicação de massa retratassem o movimento como anti-homem. Também teria evitado a formação de um movimento de homens antifeministas. Muitas vezes, os grupos masculinos se formaram na sequência do feminismo contemporâneo que de modo algum abordou as questões do sexismo e da dominação masculina. Como o feminismo baseado em estilo de vida voltado para as mulheres, esses grupos muitas vezes se tornaram configurações terapêuticas para que os homens enfrentassem suas feridas sem uma crítica ao patriarcado ou uma plataforma de resistência à dominação masculina. O movimento feminista futuro não fará esse erro. Os homens de todas as idades precisam de configurações onde sua resistência ao sexismo seja afirmada e valorizada. Sem homens como aliados em luta, o movimento feminista não progredirá. Como as coisas estão, nós temos que fazer muito trabalho para corrigir a suposição profundamente inserida na psique cultural de que o feminismo é anti-homem. O feminismo é antissexista. Um homem que se despiu do privilégio masculino, que abraçou a política feminista, é um guerreiro digno de luta, de modo algum, uma ameaça para o feminismo, enquanto uma mulher que continua casada com o pensamento e o comportamento sexista que se infiltra no movimento feminista é uma ameaça perigosa. Significativamente, a intervenção mais poderosa feita por grupos de conscientização foi a demanda de que todas as mulheres enfrentem seu sexismo internalizado, sua fidelidade ao pensamento e ação patriarcal e seu compromisso com a conversão feminista. Essa intervenção ainda é necessária.



Continua a ser o passo necessário para qualquer pessoa que escolhe a política feminista. O inimigo interno deve ser transformado antes de podermos confrontar o inimigo lá fora. A ameaça, o inimigo, é o pensamento e o comportamento sexista. Enquanto as mulheres assumirem a bandeira da política feminista sem abordar e transformar seu próprio sexismo, em última instância, o movimento será prejudicado.